

---

**SOCIABILIDADES E MODOS DE VIDA EM  
UMA VILA OPERÁRIA. O CASO DE  
CAMARAGIBE. (1900-29)**

**Marcos Alessandro Neves dos Santos**

Mestre pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Email: [marcos.alessandro.neves@hotmail.com](mailto:marcos.alessandro.neves@hotmail.com)

**SOCIABILIDADES E MODOS DE VIDA EM UMA VILA OPERÁRIA. O CASO DE CAMARAGIBE. (1900-29)****SOCIALES Y MODOS DE VIDA EN UNA VILA OPERARIA. EL CASO DE CAMARAGIBE. (1900-29)****Marcos Alesandro Neves dos Santos****RESUMO**

Este artigo tem como proposta analisar as sociabilidades e o modo de vida da classe operária tendo como referências as sociedades mutualísticas e recreativas e como elas auxiliaram o fortalecimento da classe operária. A escolha por analisar através dos grupos recreativos e da Sociedade de Mútuo Socorro, feita de acordo com a documentação coletada, torna possível contribuir para uma percepção da vida em uma vila operária, aspecto pouco abordado na história social. Pretendo, assim, analisar os espaços de sociabilidade construídos na Vila operária de Camaragibe no início do século XX, observar como os operários usufruíam do seu tempo livre sob a vigilância dos patrões e descortinar comportamentos do grupo operário que não tinha sua vida resumida aos teares.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Vila operária, sociabilidade, Camaragibe

**RESUMEN**

Este artículo, tiene como propuesta analizar las sociabilidades y el modo de vida de la clase obrera teniendo como referencias a las sociedades mutualistas y recreativas y cómo ellas ayudaron al fortalecimiento de la clase obrera. . En el caso de que se trate de una persona que no sea de su familia o de su familia, En el siglo XX, como los operarios disfrutaban de su tiempo libre bajo la vigilancia de los patrones y descortinar comportamientos del grupo obrero que no tenía su vida resumida en los telares. Palabras clave: Villa obrera, Sociabilidades, Camaragibe.

**PALABRAS CLAVE:**

Villa obrera, Sociabilidades, Camaragibe.

## A MODERNIDADE E HIGIENISMO: DISCURSOS E PRÁTICAS EM PROL DAS VILAS OPERÁRIAS.

As vilas operárias surgiram na Inglaterra, berço da Revolução Industrial ocorrida no final do século XVIII e início do XIX, o que gerou uma grande explosão demográfica nas cidades acarretando a falta de moradias (TRAMONTANO, 1998). Tal situação levou a várias iniciativas de construção de habitação operária, obedecendo, assim, não apenas aos preceitos higienistas<sup>1</sup>, como também a uma maior vigilância sobre os operários. Dessa forma, parte da burguesia industrial da época propiciou o surgimento de tentativas de habitação operária, idealizando uma habitação tida como limpa que se fundasse nas bases do que seria uma sociedade ideal<sup>2</sup> (VIANNA, 2004). Com as mudanças impostas, a antiga forma de produção dos artesãos (em oficinas) passou a ser tida como incompatível pela indústria, e conseqüentemente, trouxe consigo uma proposta de reorganização do trabalho, e, principalmente, do controle dos operários.

Sendo assim, é possível afirmar que o sistema de fábrica não se desenvolveu apenas por conta dos avanços tecnológicos, uma vez que as tecnologias empregadas no âmbito da fábrica constituíam-se em elementos de controle do operariado e da hierarquia no complexo produtivo. Brescianni (1990) tece uma análise sobre as cidades de Paris e Londres, explanando sobre seus processos de urbanização após a Revolução Industrial. Por mais que as análises sejam feitas sobre duas capitais europeias, é possível traçar um paralelo com a situação que ocorria em Pernambuco, pois esses centros apresentavam, assim como outras cidades, além de uma mudança na forma de produção, uma conturbação urbana oriunda das migrações populacionais vindas do campo para cidade, acarretada pela maior oferta de emprego nas fábricas.

Assim como outras capitais, Recife passava por um período de transição, não apenas temporal na passagem do século XIX para o século XX, mas também da forma de governo,

---

<sup>1</sup> O higienismo tem seu surgimento atrelado ao capitalismo industrial no século XIX na Europa. Com o processo de urbanização das cidades devido à migração populacional, as condições de salubridade passam por um momento de deterioração que incidia na saúde da população. Dessa forma, o Estado passa a adotar medidas que visem frear as pestes e epidemias que acometiam os centros urbanos como, por exemplo, iluminação das ruas, tratamento de esgoto e a vacinação em massa. Tais medidas irão incidir sob os hábitos das classes populares, em nome do higienismo, a população pobre será afastada dos centros, das praças e dos lugares que serão alvo de investimento das classes políticas. CORBIN, Alain — Saberes e Odores. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

<sup>2</sup> Entende-se por sociedade ideal aos padrões burgueses da época, uma sociedade sadia e ordeira, avessa aos ditos maus hábitos como o vício do álcool, jogo e da prostituição, que no entender das elites políticas e econômicas “corrompiam” o corpo e a alma. Ver mais: CHALHOUB, Sidney. Cidade febril – Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

saindo de um período imperial para o modelo republicano (ARRAIS, 2004). Esses fatores contribuíram para um suposto pensamento moderno<sup>3</sup> (REZENDE, 1987) que tomou conta do país nas primeiras décadas do século XX juntamente com o discurso higienista e modernizante<sup>4</sup>.

Como toda indústria alinhada às questões capitalistas, a fábrica visava ao lucro que seria obtido através do trabalho dos operários. No entanto, a diferença em relação às fábricas que não adotavam esse modelo (fábrica com vila operária) era o perfil moralizador que se almejava de um operário moralmente adepto aos preceitos cristãos.

A classe operária de Camaragibe, nas primeiras décadas do século XX, através das associações demonstra um perfil plural do fazer-se operário. Por mais que estejam dentro do perímetro da Vila operária, associações de caráter mutualístico<sup>5</sup> ou de distração expressavam distorções entre aquilo que era alardeado pelos donos da empresa, (que a fábrica seria o lugar “dos sonhos” do trabalhador) e a versão dos operários em que a fábrica seria também o local onde as queixas, as reivindicações<sup>6</sup> iriam surgir, se não com força suficiente para promover a autonomia, mas pequenas fissuras, sendo resistências que se faziam presentes no dia a dia do operariado de Camaragibe.

As resignificações constituem o cotidiano dos trabalhadores da fábrica. Em meio às tentativas de dominação por parte da diretoria da fábrica, trabalhadores resistiam através das

<sup>3</sup> Compartilho a visão de modernidade de Marshall, que em sua obra analisa a modernidade como um paradoxo entre ser revolucionário e conservador ao mesmo tempo, pois sente a segurança dos avanços técnico/científicos que foram alcançados, porém não possui domínio sob essas questões. Daí sua insegurança diante da imprevisibilidade do que não pode controlar. BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar; São Paulo, Cia das Letras, 1988.

<sup>4</sup> O discurso foi utilizado com o intuito de promover obras de viés higienista que visavam uma exclusão da população que ocupava esses espaços, atendendo aos anseios de uma elite local que clamava por uma cidade tida como moderna para os seus conceitos. A cidade moderna, entendida como salubre e uniforme do ponto de vista estético, “com ruas alinhadas, construções suntuosas e pobres expulsos das áreas centrais, começava a ser gestada” TEIXEIRA, Flávio Weinstein. As cidades enquanto palco da modernidade. Dissertação (Mestrado). Recife: PPGH/UFPE, 1994.

<sup>5</sup> Em geral, as mutuais ocupavam a lacuna provocada pela ausência de seguridade dos trabalhadores em caso de doenças, acidentes, aposentadoria e falecimento, concedendo, neste caso, pensão à família, embora tal prerrogativa fosse mais exceção do que regra. Embora não ainda verificado, é possível que de alguma forma as atividades das mutuais tenham influenciado na discussão das leis de acidentes de trabalho. GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. Sociedade Auxiliadora Portuguesa: práticas de sociabilidade e de seguridade de trabalhadores lusitanos na cidade de Juiz de Fora (MG), 1891-1950.

<sup>6</sup> A Fábrica de Tecidos de Camaragibe teve suas atividades paralisadas do dia 4 de março de 1911 até o dia 9 do mesmo mês por conta de uma greve dos operários que, de acordo com o *Jornal Pequeno*, teve sua origem na redução de salários proposta por Pierre Collier. Tal fato demonstra que, contrariando o discurso dos patrões, haviam distorções e manifestações dentro da vila operária. (*Jornal pequeno*, 05/03/1922, p.5)

bricolagens<sup>7</sup> do dia a dia ou questionando diretamente os diretores no intuito de prover melhores condições para sua classe. Em seu décimo relatório, a Fábrica de Tecidos de Camaragibe<sup>8</sup>, em 1908, lança uma nota de autoria de Pierre Collier<sup>9</sup>, genro de Carlos Alberto de Menezes<sup>10</sup>, a respeito da grande importância que as sociedades de distração teriam para o cotidiano na vila. Dessa forma, é possível compreender que a fábrica apoiava os centros de recreação não apenas para dar um descanso aos operários.

Nota sobre as sociedades de distração: das sociedades dessa natureza tem funcionado satisfatoriamente o clube musical. O clube dramático que se estiola dia a dia deu-nos, contudo sinal de vida, levando-se a cena um belo drama seguido de duas comédias que agradaram. A sociedade de tiro esta em via de reorganização funciona uma vez ou outra com seus torneios de tiro ao alvo. Em meio ao desfalecimento quase geral que invadiu as sociedades de distração entre nós, surgiu o clube dos martellos, sociedade puramente carnavalesca. Os nossos votos são que ela possa progredir e sempre existir com garbo, porém contida ao mesmo tempo nos limites do justo e do honesto. Entretanto é preciso tirar as nossas sociedades recreativas do marasmo em que caíram. Elas são indispensáveis, pois trazem sempre alegria ao espírito após o trabalho penoso como é o nosso, modificando as impressões morais que ele nos deixa. Tratemos, pois de dar-lhes vida que vaie faltando e assim concorreremos para evitar o grande mal que se infiltra nos centros operários, onde faltam às distrações lícitas, sobra à dissipação do salário. (Série Miscelânea. p. 7. Pasta 4.)

É possível ir além e verificar que as associações recreativas teriam também a função de “suavizar” a dureza do dia a dia trazendo para o operário de Camaragibe o alento necessário após jornadas estafantes, concluindo, assim, que as associações tinham uma dupla função: almejar uma recreação moral (LIMA, 2012)<sup>11</sup> aos trabalhadores e tentar impedir o foco de revoltas através de momentos de distração. As festividades eram organizadas com o

<sup>7</sup> No tocante as resignificações que os indivíduos são capazes de fazer no seu dia a dia, o autor analisa as “bricolagens”, as possibilidades de moldar o cotidiano a revelia do que lhe é imposto, como diz o autor, a possibilidade do dito “homem ordinário” elaborar suas resistências ou suas micro-resistências que possibilitam pequenas fagulhas de liberdade. Sendo assim, percebe-se o cotidiano como um espaço não rígido, e sim, possível de ser moldado perante as vicissitudes do dia a dia, possibilitando pequenas rotas de fuga. CERTEAU, Michel. Invenção do cotidiano. Artes de fazer. 3<sup>o</sup> edição. Editora Vozes. 1998.

<sup>8</sup> Camaragibe é um município situado na região metropolitana da cidade do Recife, estando a apenas quatro quilômetros de onde está situada a Universidade Federal de Pernambuco, estando assim intrinsecamente ligada a capital pernambucana.

<sup>9</sup> Pierre Collier, além de genro, é o braço direito de Carlos Alberto de Menezes no processo de construção da Fábrica de Tecidos de Camaragibe.

<sup>10</sup> Carlos Alberto de Menezes foi o idealizador do projeto da fábrica de Camaragibe contendo em seu perímetro uma vila operária que tinha como característica um viés católico em sua organização sendo amplamente influenciado pela encíclica *Rerum Novarum* do papa Leão XII. COLLIER, Eduardo. Carlos Alberto de Menezes: pioneirismo sindical e cristianismo. Recife: Digital Grapp edit. 1996.

<sup>11</sup> A Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, versava sobre o catolicismo social e a importância da melhoria das condições de vida do operariado e o consequente combate às ditas “ideologias vermelhas”. Por mais conflitante que fosse estabelecer um consenso nas tensas relações entre patrões e empregados, havia uma necessidade urgente de prestar auxílio à classe operária que em sua imensa maioria vivia em estado de miséria. Porém, para não soar como propaganda gratuita das causas socialistas, a encíclica *Rerum Novarum* não se posicionou contrária à propriedade privada nem aos lucros.

intuito de promover uma interação entre as associações recreativas que havia na fábrica como o Clube de tiro, o Clube dramático, o Clube de musical, entre outros. Eram momentos em que ocorria a sociabilidade<sup>12</sup> entre os habitantes da vila para além dos teares (DECCA, 1987). Portanto, a presente pesquisa objetiva analisar os espaços de sociabilidade dentro das associações da Vila a fim de identificar as bricolagens e as resignificações criadas em meio à tentativa de disciplinarização dos trabalhadores por parte dos patrões.

### A VIDA DOS OPERÁRIOS EM CAMARAGIBE

Na vila operária de Camaragibe, o trabalhador tinha sua moradia condicionada ao seu emprego na fábrica, sendo possível dispor de uma rede de serviços como posto médico, que iria atender as primeiras demandas médicas e os casos menos urgentes ligados aos acidentes de trabalho ou as intempéries do dia a dia, o Armazém, onde eram vendidos os gêneros de primeira necessidade e a escola onde, de acordo com os preceitos cristãos que norteiam os ditames da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, seriam ensinados às crianças os saberes iniciais. As vilas tinham o intuito de simular uma minicidade, dessa forma, encontramos as documentações referentes à fábrica de Camaragibe destrinchando alguns setores e esmiuçando sua utilidade.

Armazém: As duas grandes secções são destinadas uma a venda de gêneros alimentícios e outra a vendas de fazendas e miudezas. Sendo as quatro secções a seguir destinadas ao açougue, padaria e quarto para caixeiros.

Padaria: Destinada ao fabrico de pão sendo a venda do mesmo feito no armazém cooperativo. Consta de uma grande sala e dois fornos.

Escola do sexo masculino: É um sobrado grande, tendo na parte anterior do andar térreo, duas vastas salas em ângulo reto com diversas separações moveis. Ai forneciam as diferentes aulas do curso primário. O fim desta disposição seria oferecer um local de festas da mesma escola. A parte posterior do pavimento, e a superior formam o local da moradia dos professores. A área total seria de 650 metros quadrados, todo rodeado de grades e arborizado. Há mais cinco latrinas equipadas com descarga para auxiliar na manutenção da salubridade.

Escola infantil do sexo feminino: Ocupam três prédios construídos na mesma linha, com intervalo entre um e outro e inteiramente cercados por um muro que formam

<sup>12</sup> Ao falar em sociabilidade utilizo os pressupostos de Agulhon em que a sociabilidade corresponde ao comportamento do indivíduo em grupo. O autor utiliza o termo *Geselligkeit* que em alemão significa “sociável” ou “vem a ser sociável”. Sendo assim, a sociabilidade seria a maneira do homem viver em grupo, em sociedade. AGULHON, Maurice. Visão dos bastidores. In: NORA, Pierre (Org.) Ensaios de Ego-História. Lisboa: Difel, 1987.

dois pátios internos. A parte central é ocupada por uma moradia das professoras. Prédio equipado com três latrinas com descarga para auxiliar na salubridade.

Consultório médico: É um prédio com quatro divisões internas, sendo uma sala para consultas, juntas a essa estão às salas de exames médicos e uma sala de esperava para homens e outra para senhoras.

Sede do círculo católico: É uma pequena sala de vinte e dois metros quadrados comunicado com um salão simples e confortável que termina por um palco. Aqui se reúne a sociedade religiosa e recreativa que tem o nome acima citado e servindo ao mesmo tempo para apresentações teatrais podendo conter 500 espectadores. (Escolas da vila. Série intelectual. Pasta 7. P.2. Sem ano.)

De acordo com a citação acima, podemos afirmar que a oferta de tais serviços para a classe operária que residia em Camaragibe tinha o intuito de promover uma maior imobilidade do trabalhador. Todos os serviços, até mesmo o armazém que teria, em tese, o intuito de vender os gêneros alimentícios a preço justo e boa qualidade, chegando até as secções de tingimento de tecidos, estavam sob a tutela dos diretores da fábrica que almejavam que cada espaço estivesse norteado pelos ideais da salubridade, ordenamento e dos valores cristãos.

Segundo o que a documentação nos mostra, é possível percebermos que na vila da fábrica de tecidos de Camaragibe havia “serviços” típicos de pequenas cidades; tal configuração não se dá ao acaso. O armazém, a padaria, as escolas e por último um centro religioso (católico) objetivam que o trabalhador passe a maior parte do tempo inserido nesse perímetro, próximo às investidas dos patrões ao sinal de posturas desviantes.

Entre as sociedades que se destinavam ao divertimento dos operários em Camaragibe, podemos citar o Clube de Tiro, que tinha o intuito de promover campeonatos de tiro sob a organização da fábrica. De acordo com a documentação, era uma das sociedades que tinham suas atividades constantemente interrompidas por problemas financeiros, uma vez que cada operário que fosse associado deveria pagar uma mensalidade a fim de não apenas manter em boas condições a sede, mas também de preservar as armas em bom estado e suprir a constante necessidade de munição através de sua manutenção. Sobre os artigos que regem tal associação, segue abaixo.

Uma análise precipitada pode afirmar que um Clube de Tiro seria contraditório com a lógica de ordenamento imposta pelos diretores da fábrica de Camaragibe. Porém, levando em consideração que o cotonifício estava situado em uma área afastada do perímetro urbano era

compreensível a cultura das armas de caça naquele período<sup>13</sup>. No entanto, como destaca os artigos do Clube de Tiro, a “boa ordem” deveria ser mantida, sendo os associados pessoas de boa educação, cabendo ao presidente não permitir embates que colocassem em risco a integridade dos associados.

Art 1: O presidente fica encarregado de providenciar tudo aquilo que for preciso antes de cada reunião. Ele mandará trazer as armas da sociedade (que ficarão guardadas na casa dele), os cartuchos, os registros de tiro e mandará colocar os alvos que estão guardados na sede da sociedade de tiro.

Art 2: Cabe ao presidente manter a boa ordem, registrar a sequência de exercícios. Sobre as armas: Fica terminantemente proibido ter qualquer arma carregada dentro da sociedade de tiro. Devem estar sempre descarregadas, carregando-as na hora dos primeiros tiros. Boa ordem: a certeza que deve reinar entre as pessoas de boa educação era vigorosamente observada onde gente que tem armas a disposição. (Estatutos da companhia de tiro. P. 2, pasta 11)

No que diz respeito ao Clube Musical, de acordo com a documentação, foi uma das associações que mais prosperou devido a sua agenda mais abundante de eventos, uma vez que ocasiões festivas da fábrica, religiosas ou não, contavam com apresentações do clube. Não foi possível visualizar a organização através dos estatutos, analisar as leis que norteiam as ações do Clube Musical, no entanto, seguindo a linha das demais associações existentes no perímetro do cotonifício, é certo afirmar que estavam de acordo com os rígidos padrões de moralidade e serviam, assim como as demais, para amainar a dureza dos dias e promover um divertimento moralizado.

A Sociedade de Mútuo Socorro, de caráter mutualístico<sup>14</sup> de acordo com a documentação analisada, representa o mais importante centro de sociabilidade operária, uma vez que seria ali o local de ajuda nas adversidades que viessem a enfrentar, desde acidentes no trabalho, auxílio funeral, chegando a ser o ponto inicial de reivindicações para com os diretores da fábrica.

Art 1: A sociedade de mútuo socorro tem por fim proporcionar aos operários da fabrica de Camaragibe as seguintes vantagens imediatas: Assistência médica, enterro e sepultura, auxílio extraordinário durante um prazo não excedente a 3 meses, salvo de liberação especial do conselho corporativo em caso de moléstia grave e prolongada em associados indigentes e em acidentes de trabalho.

Art 2: Mais tarde, quando os recursos da corporação possibilitem, indenização a todo operário doente por mais de uma semana.

<sup>13</sup> Para maiores informações sobre a “cultura” de armas que havia no Brasil, ver mais. FERREIRA, E. F. A História do tiro ao alvo. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

<sup>14</sup> Compreende-se que as associações de caráter mutualístico tinham sua gênese no propósito de socorrer seu grupo em momento de fragilidade, estabelecendo laços solidários. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas. *Revista Mundos do Trabalho*, Vol. 2, Nº 4. 2010



Art 3: Serão considerados membros da Sociedade de Mútuo Socorro, todos os operários que trabalhem na fábrica de Camaragibe, quer mesmo empregados da corporação sendo suas famílias. São consideradas famílias de operários as que residem dentro do terreno da companhia da fábrica de Camaragibe.

Art 4: A sociedade de mútuo socorro será custeada: Por 4/5 das contribuições cooperativas dos seus membros que fizerem também parte da corporação operárias. Por uma contribuição dos outros 2% sobre salários. Por uma subvenção semestral, fornecida pela corporação operária.

Art 5: Medicamentos: A Sociedade de Mútuo Socorro fornecerá aos associados todos os medicamentos que não exigirem manipulação farmacêutica difícil a juízo do médico. Para os outros terá farmácias contratadas as quais enviará as receitas. A farmácia própria da vila ficará sob imediata direção do médico, a quem compete indicar o seu cortimento, fiscalizar a divisão e dosagem dos medicamentos a distribuir, ordenar e dirigir a preparação dos que julgar poderem ser feitos por parte do empregado que for encarregado desse trabalho, o qual será designado pelo presidente do conselho. (2º Relatório da corporação operária de Camaragibe. Ano: 1901. Série Miscelânea)

Diante dos artigos expostos acima, é possível afirmar que o caixa da corporação não seria tão vasto, tendo em vista que limitava o auxílio ao trabalhador por, no máximo três meses, podendo ser estendido por algum motivo de força extraordinária. Outro indicativo de que o caixa da corporação não gozava de grandes quantias é a sinalização feita pelo artigo dois, ao afirmar que, ao sinal de melhora no caixa, a sociedade se compromete a assistir o operário que esteja afastado do trabalho por apenas uma semana, assim como a opção do presidente da associação de pedir o adiantamento de um mês de pagamento caso seja necessário. Os medicamentos adquiridos fora da fábrica e o auxílio sepultura seriam benefícios concedidos não apenas aos operários que trabalhavam nas fábricas, mas a todas as pessoas residentes na vila de Camaragibe, ou seja, as famílias dos operários estão inseridas entre os beneficiados, o que nos dá margem para analisar o quanto era ampla a assistência proposta pela sociedade.

Dessa maneira podemos afirmar que a Sociedade de Mútuo Socorro configurava-se como espaço de sociabilidade e de seguridade, tendo em vista que almejavam oferecer amparo aos operários da fábrica. Sendo assim, o reforço da identidade através do compartilhamento de experiências<sup>15</sup> em comum, faz surgir em Camaragibe através das mais diversas associações a solidificação de uma identidade de classe entre os operários.

Porém, como analisar as sociabilidades dentro da vila? Optei por analisar através dos grupos recreativos e da Sociedade de Mútuo Socorro, pois de acordo com a documentação

<sup>15</sup> Compartilho da visão de classe de Edward Palmer Thompson onde analisa que ela se constitui através das experiências comuns compartilhadas entre os indivíduos em oposição a outros homens cujo interesse diverge do seu. THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária V.1. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

coletada é possível contribuir para uma percepção da vida em uma vila operária, aspecto pouco abordado na história social. Pretendo assim analisar os espaços de sociabilidade construído na Vila operária de Camaragibe no início do século XX, como os operários usufruíam do seu tempo livre sob a vigilância dos patrões e descortinar comportamentos do grupo operário que não tinha sua vida resumida aos teares.

Utilizar as vilas operárias como análise das relações entre patrões e empregados nos possibilita compreender da melhor forma como, nas primeiras décadas do século XX, a tentativa de doutrinação imposta ao operário recifense se fez presente e o que se objetivava com tais medidas. Atualmente, não se tem notícia em Pernambuco, nem em outros lugares do país, de vestígios de vilas operárias funcionando sob a lógica do ordenamento e da exclusão<sup>16</sup> social que foram implantados pelo Brasil no final do século XIX e primeira metade do XX. Pelo contrário, assiste-se, desde a década de sessenta do século passado, um progressivo desmonte das cidades industriais pelos mais diversos motivos, entre eles alguns citados por CORREIA (1997) que aponta problemas financeiros ou a utilização das áreas para outras finalidades.

A escolha por analisar tal abordagem explica-se por duas razões: a vasta documentação encontrada no CEHIBRA- Fundação Joaquim Nabuco que possibilita uma explanação ampla sobre a fábrica no período estudado, fornecendo importantes informações sobre as associações, escolas, ambulatórios e outros aspectos do cotidiano. Um traço marcante que foi implantado na fábrica pelos seus idealizadores foi o seu plano moralizante através da religião, especificamente o catolicismo. Dessa forma, Camaragibe se apresenta como um caso único no Brasil no tocante à organização do trabalho em torno da religião. A segunda razão foi em relação a lacuna identificada na historiografia, após um levantamento acerca da produção sobre a temática da sociabilidade operária, constata-se que apenas alguns estudos de forma superficial tocavam no tema não por demérito e sim por escolha de outras abordagens.

No cerne da discussão sobre a trajetória dos operários, alguns historiadores da década de 1980 passaram a compilar documentações importantes capazes de ampliar a dimensão dos estudos sobre tal categoria. Mais preocupados com temas clássicos da historiografia do trabalho (desenvolvimento e mudança de organizações operárias nacionais e as conexões

<sup>16</sup> As vilas operárias eram espaços projetados por industriais que almejavam o ordenamento e a exclusão do operário através das normas impostas e do distanciamento dos centros urbanos. Ver mais: SANTOS, Marcos. Vilas operárias: centros de ordem e exclusão na vila operária de Camaragibe – PE (1900-1929). Dissertação de mestrado. UFPB. 2017.

entre organização da produção, a formação da classe e a ação coletiva dos trabalhadores) e apesar de algumas pesquisas fugirem dos temas clássicos, ainda se encontra muita produção acerca das “lutas nos locais de trabalho, movimento operário, sindicatos e correspondentes orientações ideológicas, ações coletivas, relações com o Estado, ideologia estatal e empresarial, formas de organização da produção e gestão da força de trabalho” (SILVA, 2003, p. 22).

Na introdução dessa compilação de fontes, os autores destacam (em 1979, vale frisar) que se inserem nos esforços para superar a ocultação das classes subalternas feita pela classe dominante e duplicada pelos silêncios de uma historiografia tradicional. A historiografia tradicional tentou retirar o caráter sociológico de alguns estudos em prol da história da classe operária a fim de substituí-la por um economicismo que enfatiza as mudanças nas forças de produção e o desenvolvimento histórico do capitalismo sem falar das relações de classe. Na história social, os autores advogam que a empreitada vai além de construir uma *história operária*, mas “entender como um círculo de classes dominantes conseguiu assegurar sua autoridade sobre as classes subalternas e desvendar os instrumentos empregados para o sucesso dessa empreitada” (PINHEIRO e HALL, 1979, p. 16)

Alguns estudos passaram a demonstrar como a história dos trabalhadores brasileiros não poderia se concentrar única e exclusivamente no sul do país, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, para vangloriar tais capitais enquanto responsáveis por levar a cabo a industrialização do país e, tal industrialização formar o movimento operário brasileiro. Foi uma caricatura tendenciosa e gênese de esquecimentos por algum tempo, pois, os operários de outras regiões bem como o movimento em busca por direitos pré-industrialização permaneceu no silêncio de alguns estudos durante algumas décadas.

Dessa maneira a obra de José Sergio Leite Lopes, *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”* (1988.) é uma leitura obrigatória para aqueles que se debruçam sobre a temática das vilas operárias. O competente trabalho analisa a fábrica de tecidos de Paulista e seu “sistema paulista”, analisando o recrutamento dos trabalhadores através da “sopa”<sup>17</sup> e de que maneira a vida dos trabalhadores girava em torno da residência, sendo essa última o principal instrumento de tentativa de dominação sobre os operários que

---

<sup>17</sup> “Sopa” era o nome dado ao transporte que ia até as cidades do interior em busca de trabalhadores que tivessem o interesse em trabalhar nas fábricas próximas a cidade do Recife. ALVIM, Rosilene. *A sedução da cidade; os operários camponeses da fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia. 1997.

dependiam dela não apenas para residir, mas principalmente, pois era sinônimo de estar empregado na fábrica.

O estudo sobre a história social do trabalho ganhou um poderoso aliado e guru após a publicação dos livros de Edward Palmer Thompson sobre a história da formação da classe operária na Inglaterra. Um estudo pioneiro preocupado com múltiplos pontos de vistas da vida do operário a fim de compreender como ele se comportava dentro e fora das fábricas. Muito mais focado no “fora das fábricas” o historiador britânico vai tecendo seu argumento através de ampla pesquisa sobre a vida social e cultural do trabalhador inglês em finais do século XVIII e início dos XIX.

Seu principal argumento é o fato da classe operária inglesa só se formar enquanto classe quando se compreendem enquanto classe. A classe é antes de tudo um devir histórico, e não se pode fugir às vicissitudes do tempo. São as vicissitudes, ou seja, o que é vivenciado pelo trabalhador no exercício de seu ofício e fora desse exercício que vai moldando a ele e ao meio em que ele vive sua consciência de relação de classe. Ou seja, a *experiência* para Thompson é vivenciada duplamente pelo trabalhador. Primeiro, há a experiência de classe, aquela na qual o trabalhador está inserido pelo próprio condicionamento de sua relação com os meios de produção econômicos e na medida em que tais experiências são vividas e interpretadas pelo trabalhador ele transforma-as em experiência consciente da classe (consciência) e compreende-se junto a seus pares (THOMPSON, 1987a).

Thompson credita o processo de construção da classe para as experiências compartilhadas no cotidiano fabril, dando conta de um processo coletivo, ao invés de individual. Logo, através destas “trocas” para além das resistências do cotidiano, consolidam-se as bases que viabilizam a construção (diária) da classe pela subversão do “plano moral” imposto na vila. Dessa forma, a experiência tem uma relação intrínseca com as formas de produção em que os indivíduos estão inseridos, sendo o caso analisado o trabalho em uma Vila operária, espaço singular que promove novas formas de vinculação entre os operários. Em contraponto a experiência que se coloca de forma mais definida, afirmar o mesmo da classe seria um erro, a dita por Thompson “consciência de classe” surge apenas quando visualizamos um conjunto de sujeitos que veem a si, e os outros como membros de um grupo, parte integrante de um conjunto, partilhando interesses, dificuldades, sentimentos e sensações, ou seja, a classe é onde a experiência cotidiana é vivida.

Desse modo, o operário não é produto inequívoco da indústria, mas, o sistema industrial um produto da relação entre o trabalhador e a nova forma de organização da produção a partir da Revolução Industrial. Ou seja, o operário (classe operária) é um eterno devir, um eterno fazer-se em meio a circunstâncias diárias. A partir da pesquisa e análise de como os trabalhadores *experienciavam* suas trajetórias nos permite compreender suas ações em prol de objetivos comuns a seus pares. Sejam na organização de associações em prol de um ofício, por meio da greve, petições públicas e a instrução de seus colegas de ofícios (THOMPSON, 1987a; 1987b; 1987c). Para nós a pesquisa sobre a *experiência* dos sujeitos já é uma pesquisa “vista de baixo”.

É importante destacar que na década de oitenta historiadores passaram a ampliar o leque sobre os estudos envolvendo a classe operária. Se anteriormente, estudos clássicos<sup>18</sup> versavam sobre sua atuação em sindicatos, movimentos grevistas e sua organização em partidos (SILVA, 2003), se faz importante descortinar com as novas abordagens outras nuances da vida operária. Na história social, os autores advogam que a empreitada vai além de construir uma *história operária*, mas “entender como um círculo de classes dominantes conseguiu assegurar sua autoridade sobre as classes subalternas e desvendar os instrumentos empregados para o sucesso dessa empreitada” (PINHEIRO e HALL, 1979, p. 16).

O estudo historiográfico preocupa-se não apenas com o passado, mas com o *temporal*, no qual a “observação direta” do objeto de estudo é impossível. As fontes nas quais o historiador se debruça, dotam-no de informações *indiretas* desse passado. Tais fontes, acabam constituindo os vestígios pelo qual o historiador monta sua observação, compreensão e análise do passado – ou melhor, do objeto em sua temporalidade. Efetua-se, portanto, uma análise documental baseada na busca exaustiva das fontes e um correto agrupamento das informações encontradas no qual a “crítica das fontes” parta da inferência dos dados obtidos (ARÓSTEGUI, 2006).

Analisando as reconfigurações que os indivíduos são capazes de fazer no seu dia a dia, Certeau (1994) analisa as “bricolagens”, as possibilidades de moldar o cotidiano a revelia do que lhe é imposto, como diz o autor, a possibilidade do dito “homem ordinário” elaborar suas resistências ou suas micro-resistências que possibilitam pequenas fagulhas de liberdade.

<sup>18</sup> Obras como; Trabalho urbano e conflito social (1890-1920) FAUSTO, Boris. Editora: Difel. Ano: 1977. Movimento operário no Brasil: 1877-1944. CARONE, Edgar. Editora: Difel. Ano: 1981.

Sendo assim, percebe-se o cotidiano como um espaço não rígido, e sim, possível de ser moldado perante as vicissitudes do dia a dia, possibilitando pequenas rotas de fuga.

### **APONTAMENTOS SOBRE A VIDA EM CAMARAGIBE**

Assim como ocorre na Fábrica de Tecidos de Camaragibe, Certeau (1994) analisa o cotidiano como um espaço “político” e não apenas um espaço de mera reprodução do que é imposto, mas sim um espaço onde questões políticas, religiosas e econômicas se fazem presentes. É justamente isso que é visto em Camaragibe, as organizações internas da fábrica, sejam as sociedades de mútuo socorro, os grupos religiosos ou espaços dos operários onde eles remodelam e criam suas redes no cotidiano fabril.

Dessa forma, este trabalho tem como intuito analisar a sociabilidade da classe operária têxtil da Fábrica de Tecidos de Camaragibe nos primeiros anos do século XX. Entre as vivências diárias da classe operária, aspectos que dizem respeito à religião, educação e divertimento são importantes por serem fragmentos da cultura operária que se manifestam lado a lado com as tentativas de dominação ora implícita, ora explícita por parte dos diretores do cotonifício.

Buscamos identificar de que forma o cotidiano do operário se cruza com os afazeres da fábrica, em que momentos as vontades (de ambos os lados) não são conciliáveis, em que momentos surgem os conflitos de interesse e que consequências seriam percebidas em um habitat que se diferencia das fábricas tradicionais no que diz respeito a sua organização espacial com casas, padaria, armazém, escola, igreja entre outros. As fábricas que contêm vilas operárias em seu complexo produtivo possuem uma hierarquia singular que se deu através dos desdobramentos do capitalismo industrial. A hierarquia tende a organizar o mundo da vila conferindo, assim, sentido ao conjunto de aparatos que ela dispõe estrategicamente aos operários: escolas, hospitais, lazer com as sociedades dramáticas, o clube de futebol e de tiro, bem como as seções da fábrica atreladas à fabricação e tingimento de tecidos. (CORREIA, 1997)

Por fim, estudar a implantação das vilas no Brasil e como a vida dos operários se organizava dentro dessa estrutura é parte importante da história da classe trabalhadora no Brasil. Por vezes, a maior ênfase dada às associações, sindicatos e movimentos grevistas toma para si um grande holofote, no entanto, as vilas, implantadas em grande parte no final do

século XIX e início do XX, nos propiciam uma análise rica em um contexto específico em que operários viviam em simulacros de cidades promovendo mudanças no convívio com outros trabalhadores e com seus patrões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## a) Livros

AGULHON, Maurice. Visão dos bastidores. In: NORA, Pierre (Org.) **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Difel, 1987.

ALVIM, Rosilene. **A sedução da cidade**; os operários camponeses da fábrica dos Lundgren. Rio de Janeiro: Graphia. 1997.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: HUMANITAS/ FFLCH/USP, 2004.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

CERTEAU, Michel. **Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3ª edição. Editora Vozes. 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril – Cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

COLLIER, Eduardo. **Carlos Alberto de Menezes**: pioneirismo sindical e cristianismo. Recife: Digital Grapp edit. 1996.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

CORREIA, Telma de Barros. **Moradia e trabalho**: O desmonte da cidade industrial. Anais do VII encontro nacional da ANPUR. Rio de Janeiro 1997.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas**: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, E. F. **A História do tiro ao alvo**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. **Sociedade Auxiliadora Portuguesa**: práticas de sociabilidade e de seguridade de trabalhadores lusitanos na cidade de Juiz de Fora (MG), 1891-1950.

LEITE LOPES, José Sergio. **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”**. São Paulo: Marco Zero & Brasília-DF: Editora da UnB em co-edição com MCT/CNPq, 1988).

PINHEIRO, Paulo Sergio e HALL, Michael. **A classe operária no Brasil**. Vol 1. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operário sem patrões**: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.



THOMPSON, E.P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária V.1. A árvore da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

#### **b) Coletânea**

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O estudo do mutualismo:** algumas considerações historiográficas e metodológicas. *Revista Mundos do Trabalho*, Vol. 2, Nº 4. 2010.

#### **c) Tese acadêmica.**

VIANA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias.** USP. 2004.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. **Cadernos de historia: Manifestações operárias e socialistas em Pernambuco.** Recife: UFPE. 1987.

SANTOS, Marcos. **Vilas operárias:** centros de ordem e exclusão na vila operária de Camaragibe – PE (1900-1929). Dissertação de mestrado. UFPB. 2017.

TRAMONTANO, Marcelo C. **Paris-São Paulo-Tokyo: novos modos de vida, novos espaços de morar.** 1998. Tese (doutorado) – FAU-USP, São Paulo, 1998.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As cidades enquanto palco da modernidade.** Dissertação (Mestrado). Recife: PPGH/UFPE, 1994.

LIMA, Lucio Renato Mota. **O apostolado dos patrões:** limites e possibilidades de um plano industrial disciplinar religioso em uma fábrica têxtil (Camaragibe, 1981-1908). Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2012.

#### **Fontes primárias**

**Arquivo Público de Pernambuco. Jordão Emerenciano.**

Periódicos.

Jornal Pequeno – 1922

**Acervo da FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco.**

Relatórios da CIPER:

11º Relatório do CIPER. 1902

#### **Pasta Miscelânea**

---

2º Relatório da corporação operária de Camaragibe. Ano: 1901. Série Miscelânea.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em junho de 2018.